

**Cultura**

Revista de História e Teoria das Ideias

**vol. 21 | 2005**  
**Livro e Iconografia**

---

Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, *As Farpas*,  
coord. Maria Filomena Mónica, Principia, S. João  
do Estoril, 2004.

Carlos Leone

---

**Edição electrónica**URL: <http://journals.openedition.org/cultura/3588>

ISSN: 2183-2021

**Editora**

Centro de História da Cultura

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 Janeiro 2005

Paginação: 369-370

ISSN: 0870-4546

**Refêrencia eletrónica**

Carlos Leone, « Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, *As Farpas*, coord. Maria Filomena Mónica, Principia, S. João do Estoril, 2004. », *Cultura* [Online], vol. 21 | 2005, posto online no dia , consultado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/3588>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

---

# Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, *As Farpas*, coord. Maria Filomena Mónica, Principia, S. João do Estoril, 2004.

Carlos Leone

---

## REFERÊNCIA

Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, *As Farpas*, coord. Maria Filomena Mónica, Principia, S. João do Estoril.

- <sup>1</sup> Um pouco como sucedeu com *Portugal, Hoje* de José Gil, esta edição de *As Farpas* surgiu num contexto do espaço mediático português muito marcado por um momentâneo extremo das suas características mais venais, o que, se teve algum proveito em termos de vendas, contribuiu também para que a recepção imediata desta edição reproduzisse acriticamente os tropos e os topos do costume sobre Eça (Ramalho é como se nem estivesse lá...). Sem lamentação nem indignação, não custa compreender que, além das causas naturais para essa recepção imediata, que sempre se fariam sentir (preguiça, prosápia, etc.), uma vez dissolvido o contexto de Portugal no final de 2004 esta edição de *As Farpas* merece ser criticada.
- <sup>2</sup> Desde logo pela sua qualidade intrínseca de livro, esteticamente e cientificamente. Fiel a uma imagem original e tão manuseável quanto é possível ser um volume de quase 650 páginas, em termos estéticos segue e melhora a edição de 2003 de *Eça Jornalista* (também na Principia). Também a continuada coordenação da edição por Maria Filomena Mónica mantém uniformidade nos critérios gerais do trabalho de recolha da colaboração de Eça na Imprensa regular (trabalho de várias entidades por ocasião do centenário da sua morte), e se isso limita estas *Farpas* aos anos de 1871 e 1872, o volume contém ainda muito mais material de interesse: além de uma «Introdução» sóbria e útil (por M. F. Mónica),

toda uma série de elementos de apoio ao leitor não especializado (cronologia, tabela onomástica e glossário, sobretudo); e, mais original do que tudo o resto, o *fac-simile* de *Les Guêpes*, de Alphonse Karr, modelo seguido por Eça e Ramalho.

- 3 Quem comparar o modelo e a sua versão portuguesa, como de resto o fez Eça (segundo a descrição de M. F. Mónica da génese de *As Farpas*), fica com uma boa medida das limitações da empresa de Eça e Ramalho. Que essas limitações sejam hoje ainda mais sensíveis é, aliás, um bom sinal — pelo menos em alguns aspectos estamos mais próximos do original do que da sua versão aportuguesada. E isto porque o original era, apesar do seu estilo satírico, essencialmente tradicional, um produto de uma sociedade moderna, da dinâmica crítica do espaço público em que as «liberdades dos modernos», mau grado todas as convulsões, eram reais. Já a «ironia» de Eça e Ramalho está aqui bem visível em todo o seu curto manancial de recursos (em tempos devidamente comentado pelo Engº. Álvaro de Campos, no que a Eça diz respeito — e justamente comparando-o com um autor francês...). De facto, se comparada com a norma portuguesa de então, a prosa de Eça e Ramalho distingue-se de quase tudo o resto pela sua superioridade; mas só se nos limitarmos a isso mesmo, a um sucesso de escândalo em contexto pré-moderno. (Sobre o possível significado disso relativamente ao seu actual sucesso não curamos aqui.)
- 4 No contexto de Portugal, século XIX, são ainda hoje legíveis muitas destas páginas. Contexto marginal ao surgir das ciências sociais modernas, como aliás tanto Eça como Ramalho bem atestam (de diferentes modos) nas suas Obras individuais, contexto de crise nacional como hoje nem se sabe o que é (e, não por acaso, contexto de isolamento face à Europa moderna), contexto de dualidade social aparentemente insuperável. Escrevendo dentro desse contexto, por mais que escrevessem contra ele numa crítica apenas aparentemente distanciada, polémicas como as que se repetem com Pinheiro Chagas ainda são leitura agradável e instrutiva. Menos evidente para o leitor entusiasta serão talvez páginas como as escritas a respeito da morte de Rebelo da Silva (para dar apenas um exemplo possível), bem esclarecedoras da tardia pré-modernidade do país que as tornava possíveis, como já possibilitara a grandeza do próprio Rebelo da Silva. O louvor desmedido a um autor, e sobretudo a um crítico, meritório mas tão limitado como Rebelo da Silva (leiam-se os volumes das suas *Apreciações Literárias*), pode bem servir de indicador das afinidades afinal demasiado estreitas com aquele mesmo Portugal que pretendiam criticar.
- 5 Relendo *As Farpas*, não espanta que não tenha sido só Pessoa a contestar os méritos ainda hoje atribuídos quase sem reservas a Eça e, de um modo geral, à Geração de 70. Muito menos surpreende que tal contestação, ocorrida no século XX, se diferencie do simples nacionalismo linguístico que reprovava a Eça o estilo afrancesado, e que, congregando autores tão díspares como sergianos e neo-realistas, vise a inconsequência dos «Vencidos da Vida», salientando de várias perspectivas a estreiteza metodológica (ou científica) da sua análise, descrição e tentativa de mudança de Portugal. Lendo *As Farpas* numa boa edição como esta, mais notório se torna que Portugal só se tornou contemporâneo um século depois de Eça e Ramalho terem cessado a pareceria nesta alegre campanha. Alegre e falhada, hoje algures entre entretenimento e documento.